Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.31916

NEGLIGÊNCIA EMOCIONAL NA INFÂNCIA E SEUS IMPACTOS NOS VÍNCULOS AFETIVOS NA VIDA ADULTA

CHILDHOOD EMOTIONAL NEGLECT AND ITS IMPACT ON EMOTIONAL BONDS IN ADULTHOOD

NEGLIGENCIA EMOCIONAL EN LA INFANCIA Y SU IMPACTO EN LOS VÍNCULOS AFECTIVOS EN LA VIDA ADULTA

Cristiane Mariano da Silva Mello Rocha[1]
Luís Felipe de Azeredo Bruno[2]
Renato Marcelo Resgala Junior[3]

RESUMO: Esse artigo buscou compreender as repercussões da negligência emocional vivenciada na infância sobre os vínculos afetivos estabelecidos na vida adulta, considerando a influência das primeiras experiências relacionais e dos padrões de apego. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, do tipo revisão bibliográfica narrativa, realizada nas bases Google Acadêmico, SciELO e PePSIC e em repositórios institucionais, com textos publicados entre 2019 e 2026 e obras clássicas da Teoria do Apego; nove materiais compuseram a base teórica. A análise buscou compreender de que maneira essas experiências influenciam a formação de modelos internos, os padrões de relacionamento e a reprodução de comportamentos nas relações posteriores. Os resultados indicaram que a negligência emocional está associada a dificuldades de reconhecer e comunicar necessidades afetivas, de regular emoções e de estabelecer vínculos seguros na vida adulta, com possível reprodução desses padrões entre gerações. Concluiu-se que esse processo não é determinista e pode ser modificado por novas experiências relacionais, e que há escassez de estudos empíricos brasileiros sobre o tema, o que indica a necessidade de novas pesquisas.

Palavras-chave: Negligência emocional. Infância. Vínculos afetivos.

ABSTRACT: This article sought to understand the repercussions of childhood emotional neglect on affective bonds formed in adulthood, considering the influence of early relational experiences and attachment patterns. It is a qualitative, exploratory study, using a narrative literature review conducted in Google Scholar, SciELO and PePSIC and in institutional repositories, with texts published between 2019 and 2026 and classic works on Attachment Theory; nine materials made up the theoretical basis. The analysis sought to understand how these experiences influence the formation of internal working models, relationship patterns and the replication of behaviors in later relationships. The results indicated that emotional neglect is associated with difficulties in recognizing and communicating affective needs, regulating emotions and establishing secure bonds in adulthood, with possible intergenerational replication of these patterns. It was concluded that this process is not deterministic and can be modified by new relational experiences, and that there is a scarcity of Brazilian empirical studies on the subject, which points to the need for further research.

Keywords: Emotional neglect. Childhood. Affective bonds.

[1] Discente do curso de Psicologia no Afya Centro Universitário Itaperuna.
[2] Orientador. Pós-graduado em Neuropsicologia, Avaliação Psicológica e Psicodiagnóstico. Docente do Afya Centro Universitário Itaperuna.
[3] Coorientador. Doutor em Sociologia Política. Docente titular do Afya Centro Universitário Itaperuna.

RESUMEN: Este artículo buscó comprender las repercusiones de la negligencia emocional vivida en la infancia sobre los vínculos afectivos establecidos en la vida adulta, considerando la influencia de las primeras experiencias relacionales y de los patrones de apego. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria, del tipo revisión bibliográfica narrativa, realizada en Google Académico, SciELO y PePSIC y en repositorios institucionales, con textos publicados entre 2019 y 2026 y obras clásicas de la Teoría del Apego; nueve materiales conformaron la base teórica. El análisis buscó comprender de qué manera estas experiencias influyen en la formación de modelos internos, los patrones de relación y la reproducción de comportamientos en las relaciones posteriores. Los resultados indicaron que la negligencia emocional está asociada a dificultades para reconocer y comunicar necesidades afectivas, regular emociones y establecer vínculos seguros en la vida adulta, con posible reproducción de estos patrones entre generaciones. Se concluyó que este proceso no es determinista y puede ser modificado por nuevas experiencias relacionales, y que existe escasez de estudios empíricos brasileños sobre el tema, lo que indica la necesidad de nuevas investigaciones.

Palabras clave: Negligencia emocional. Infancia. Vínculos afectivos.

1 INTRODUÇÃO

As primeiras experiências vivenciadas pela criança no contexto familiar exercem importante influência sobre seu desenvolvimento emocional e relacional. As interações estabelecidas com os cuidadores, especialmente nos primeiros anos de vida, contribuem para a construção de sentimentos de segurança, confiança e pertencimento, além de participarem da maneira como a criança passa a compreender a si mesma e aos outros. Nesse sentido, a qualidade das relações estabelecidas durante a infância pode repercutir na forma como o indivíduo desenvolve e estabelece seus vínculos ao longo da vida (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025).

A negligência emocional pode ser compreendida como uma forma de violência intrafamiliar caracterizada pela omissão dos cuidadores diante das necessidades emocionais da criança. Diferentemente da negligência relacionada aos cuidados físicos e materiais, ela pode ocorrer de maneira menos evidente, envolvendo a falta de validação dos sentimentos, a ausência de resposta às demandas emocionais e o não investimento afetivo, marcado por frieza e falta de empatia e de valorização. Dessa forma, mesmo quando as necessidades básicas da criança são atendidas, a falta de investimento emocional por parte das figuras cuidadoras pode comprometer seu desenvolvimento emocional e psicossocial (SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025).

Por apresentar-se de forma predominantemente silenciosa, a negligência emocional pode passar despercebida tanto no ambiente familiar quanto social, pois não deixa danos imediatamente visíveis e está mais aberta à interpretação pessoal do que a negligência física (FERREIRA NSL, 2023; SILVA TRO, et al., 2026; SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025).

Sua manifestação está relacionada principalmente àquilo que deixa de ser oferecido à criança no âmbito afetivo, como a validação e a resposta às suas demandas emocionais. A ausência persistente dessas experiências pode repercutir na capacidade de reconhecer e regular as próprias emoções, além de dificultar a construção de recursos necessários para o estabelecimento de relações interpessoais satisfatórias. Estudos sobre o tema apontam ainda que experiências de negligência emocional na infância podem estar associadas a prejuízos à saúde mental e a dificuldades que permanecem ao longo da vida adulta (SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025).

Nesse sentido, a Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby (1969, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005), contribui para compreender de que maneira as primeiras relações estabelecidas entre a criança e seus cuidadores podem influenciar seu desenvolvimento emocional e relacional. Para Bowlby, o apego constitui um vínculo no qual a figura cuidadora exerce uma função de segurança, oferecendo à criança uma base a partir da qual ela pode explorar o ambiente e desenvolver-se. As experiências estabelecidas nessas relações contribuem para a construção de modelos internos de funcionamento, que participam da maneira como o indivíduo compreende a si mesmo, aos outros e às relações interpessoais ao longo do desenvolvimento (DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005).

A partir dessa perspectiva, as experiências vivenciadas nas relações de apego durante a infância podem repercutir na forma como o indivíduo estabelece vínculos posteriormente. Embora os padrões de relacionamento possam se modificar ao longo do desenvolvimento, as experiências iniciais constituem referências importantes para a construção das relações afetivas futuras. Estudos sobre o apego apontam que os modelos construídos a partir das primeiras relações podem estar relacionados às formas de busca por carinho, proteção, intimidade e segurança nos vínculos estabelecidos durante a vida adulta (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005).

Quando as necessidades emocionais da criança não são atendidas de maneira consistente, as experiências vivenciadas nesse contexto podem influenciar a maneira como ela passa a perceber a si mesma e aos outros, repercutindo posteriormente em suas relações interpessoais (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005). A negligência emocional pode estar associada à dificuldade de reconhecer e expressar necessidades afetivas, ao medo de rejeição e abandono, à dificuldade em estabelecer confiança e à insegurança diante da intimidade (FERREIRA NSL, 2023; SILVA TRO, et al., 2026). Na vida adulta, essas dificuldades podem se manifestar em diferentes formas de relacionamento, incluindo

comportamentos de dependência afetiva, afastamento emocional ou estabelecimento de vínculos marcados pela insegurança (FERREIRA NSL, 2023; MÜLLER LE, et al., 2019). Dessa maneira, compreender as repercussões da negligência emocional exige considerar não apenas os efeitos imediatos sobre o desenvolvimento infantil, mas também suas possíveis implicações para a construção e manutenção dos vínculos afetivos ao longo da vida.

Além das repercussões nos relacionamentos estabelecidos ao longo da vida, experiências de negligência emocional também podem estar relacionadas à reprodução de padrões afetivos entre gerações. Indivíduos que vivenciaram relações marcadas pela ausência de acolhimento, responsividade e disponibilidade emocional podem ter internalizado modelos relacionais que influenciam, posteriormente, suas próprias formas de exercer a parentalidade e estabelecer vínculos familiares (CASTRO MG, et al., 2025; FERREIRA NSL, 2023).

A escolha do tema justifica-se pela importância de compreender as repercussões da negligência emocional vivenciada durante a infância no desenvolvimento psicológico e na construção dos vínculos afetivos ao longo da vida. Por ocorrer muitas vezes de forma silenciosa, a negligência emocional pode passar despercebida, mesmo quando as necessidades materiais da criança são atendidas, podendo repercutir em seu desenvolvimento emocional e nas relações estabelecidas posteriormente. A relevância social deste estudo está na necessidade de ampliar a compreensão sobre essa forma de negligência e seus possíveis impactos, contribuindo para maior atenção às necessidades emocionais da criança e para a valorização de vínculos familiares mais saudáveis. No âmbito da Psicologia, compreender a relação entre experiências infantis e dificuldades relacionais na vida adulta pode favorecer uma atuação profissional mais atenta à história de vida e às experiências afetivas dos indivíduos.

Diante disso, o objetivo geral deste estudo foi compreender as repercussões da negligência emocional vivenciada na infância na construção e manutenção dos vínculos afetivos na vida adulta. Como objetivos específicos, buscou-se estabelecer o conceito de negligência emocional na infância e suas principais características; investigar a relação entre as experiências de negligência emocional na infância e a formação dos padrões de apego; identificar as principais repercussões da negligência emocional infantil nos vínculos afetivos estabelecidos na vida adulta; e discutir a possível reprodução intergeracional de padrões relacionais associados às experiências de negligência emocional na infância.

2 MÉTODOS

Esta pesquisa possui abordagem qualitativa, pois busca compreender as repercussões da negligência emocional vivenciada na infância na construção dos vínculos afetivos na vida adulta. A abordagem qualitativa mostra-se adequada por possibilitar a compreensão de aspectos subjetivos, emocionais e relacionais presentes nas produções científicas selecionadas.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, uma vez que busca ampliar a compreensão acerca da negligência emocional na infância e de suas possíveis repercussões nos vínculos afetivos estabelecidos ao longo da vida.

Em relação aos procedimentos, caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica qualitativa, do tipo revisão narrativa. Esse formato possibilita reunir diferentes estudos e perspectivas teóricas sobre o fenômeno investigado, permitindo a construção de uma compreensão ampla acerca da relação entre experiências emocionais vivenciadas na infância e vínculos afetivos na vida adulta.

As buscas pelos materiais foram realizadas nas bases de dados Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), além de repositórios institucionais de universidades. Os descritores utilizados foram: negligência emocional, abandono afetivo, negligência infantil, teoria do apego, vínculos afetivos, infância, transmissão intergeracional e vida adulta, combinados entre si de acordo com os resultados obtidos nas buscas.

A revisão foi realizada em algumas etapas:

levantamento inicial de materiais relacionados à negligência emocional na infância, à teoria do apego e aos vínculos afetivos na vida adulta;

seleção dos textos conforme sua relação com o tema e os objetivos da pesquisa;

leitura exploratória e posterior leitura detalhada dos materiais selecionados;

organização dos conteúdos encontrados em temas principais;

interpretação e articulação das informações relevantes para responder ao problema de pesquisa.

Como critérios de inclusão, foram selecionados textos disponíveis na íntegra, publicados entre 2019 e 2026, em português e inglês, relacionados à negligência emocional na infância, às experiências de apego, aos vínculos afetivos e às repercussões dessas experiências na vida adulta. Foram admitidas também obras anteriores a esse período quando consideradas fundamentais para a compreensão dos conceitos abordados, como os estudos clássicos da teoria do apego e as

pesquisas de referência sobre a prevalência da negligência. No processo de levantamento bibliográfico, foram identificados e lidos aproximadamente 16 materiais relacionados à temática. Desse total, 7 foram descartados por não atenderem aos critérios de inclusão estabelecidos ou por não apresentarem relação direta com os objetivos da pesquisa, restando 9 materiais que compuseram a base teórica utilizada na revisão bibliográfica apresentada a seguir.

A análise dos materiais foi realizada por meio de leitura interpretativa, buscando identificar as principais ideias relacionadas à negligência emocional, aos padrões de apego, às repercussões nos vínculos afetivos na vida adulta e à possível reprodução intergeracional de padrões relacionais. Os conteúdos encontrados foram organizados em categorias temáticas, permitindo a articulação entre os diferentes estudos e a construção da discussão teórica apresentada no trabalho.

3 RESULTADOS

3.1 Negligência emocional na infância

A infância constitui um período fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico, especialmente em razão das primeiras experiências relacionais estabelecidas entre a criança e seus cuidadores. Nesse contexto, a disponibilidade, a responsividade e o acolhimento oferecidos pelos responsáveis desempenham papel importante na construção de referências de segurança e na compreensão das próprias necessidades emocionais. Quando essas necessidades não são reconhecidas ou atendidas de maneira adequada, surgem experiências de negligência emocional, caracterizadas pela ausência ou insuficiência de respostas afetivas necessárias ao desenvolvimento da criança (SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025). Estudos de metanálise global estimam a prevalência de negligência emocional em 184 a cada 1.000 crianças, o que representa cerca de 18,4% da população infantil mundial, evidenciando tratar-se de um fenômeno amplo, ainda que frequentemente subnotificado nos estudos sobre maus-tratos infantis (STOLTENBORGH M, et al., 2013).

A importância da proteção e do atendimento adequado às necessidades da criança também é reconhecida pelo ordenamento jurídico brasileiro. O Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece a proteção integral de crianças e adolescentes, assegurando-lhes direitos fundamentais e condições necessárias ao seu desenvolvimento. Nesse sentido, a garantia de um ambiente que favoreça o desenvolvimento físico, emocional e social constitui um aspecto fundamental da proteção à infância (BRASIL, 1990).

A negligência emocional pode ocorrer mesmo quando as necessidades físicas da criança são atendidas. Dessa forma, a presença do cuidado material não necessariamente significa que exista disponibilidade emocional por parte dos cuidadores. A criança pode receber alimentação, proteção e outros cuidados básicos e, simultaneamente, vivenciar ausência de acolhimento, atenção, validação e responsividade diante de suas necessidades emocionais. Essa característica contribui para que a negligência emocional seja compreendida como uma forma de violência mais silenciosa, cuja identificação pode ser dificultada tanto pelas características da própria experiência quanto pela dificuldade de reconhecer a ausência de cuidado emocional como uma forma de negligência (FERREIRA NSL, 2023).

As experiências de negligência emocional podem produzir repercussões em diferentes dimensões do desenvolvimento. Estudos apontam associação entre esse tipo de experiência e dificuldades no ajustamento psicológico e no funcionamento social, incluindo maior ocorrência de sintomas de ansiedade, depressão e estresse ao longo do desenvolvimento (SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025). Além disso, pesquisas indicam que experiências de negligência emocional durante a infância podem estar relacionadas a dificuldades posteriores no funcionamento social e a padrões de apego inseguros, evidenciando que seus efeitos podem ultrapassar o período infantil e permanecer associados a características das relações estabelecidas na vida adulta (FERREIRA NSL, 2023; MÜLLER LE, et al., 2019).

É interessante notar que essa constatação converge com achados ancorados em referenciais teóricos distintos: enquanto Souza MMS e Oliveira MR (2025) analisam os impactos da negligência emocional a partir do modelo de competências da inteligência emocional, Ferreira NSL (2023) chega a conclusões semelhantes partindo de uma perspectiva psicodinâmica centrada na capacidade de compaixão do adulto. Essa convergência entre abordagens teóricas diferentes reforça a consistência do fenômeno observado, independentemente do referencial utilizado para analisá-lo.

Nesse sentido, compreender a negligência emocional exige considerar não apenas aquilo que esteve ausente na relação entre a criança e seus cuidadores, mas também os possíveis significados construídos a partir dessas experiências. A ausência de acolhimento, responsividade e disponibilidade emocional influencia a maneira como o indivíduo passa a compreender suas próprias necessidades e a interpretar as respostas das outras pessoas. Assim, experiências relacionais precoces podem participar da construção de modelos internos que

posteriormente orientam expectativas e comportamentos diante dos vínculos estabelecidos ao longo da vida (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; FERREIRA NSL, 2023).

Dessa maneira, a negligência emocional na infância não deve ser compreendida apenas como uma experiência restrita ao período infantil. Suas possíveis repercussões alcançam aspectos emocionais, relacionais e sociais do desenvolvimento, tornando relevante investigar de que maneira essas experiências podem influenciar a formação dos vínculos afetivos posteriormente estabelecidos. Essa compreensão constitui uma etapa fundamental para discutir a relação entre as experiências de cuidado vivenciadas na infância, os padrões de apego e as formas de relacionamento desenvolvidas na vida adulta.

3.2 Teoria do apego

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, parte da compreensão de que o ser humano apresenta uma necessidade fundamental de estabelecer vínculos com figuras cuidadoras, especialmente durante os primeiros anos de vida. A qualidade das interações estabelecidas entre a criança e seus cuidadores exerce influência sobre a construção de sentimentos de segurança, confiança e disponibilidade para explorar o ambiente (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005). Dessa forma, relações caracterizadas por responsividade e atendimento adequado às necessidades da criança favorecem o desenvolvimento de uma base de segurança a partir da qual ela pode estabelecer novas experiências relacionais (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019).

As experiências iniciais estabelecidas entre a criança e seus cuidadores contribuem para a formação de diferentes padrões de apego. Ainsworth (1978, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005), a partir de seus estudos, identificou inicialmente os padrões seguro, ambivalente/resistente e evitativo. Posteriormente, Main e Hesse (1990, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005) acrescentaram o padrão desorganizado, ampliando a compreensão sobre as diferentes formas pelas quais a criança busca segurança nas relações.

O apego seguro caracteriza-se pela confiança da criança na disponibilidade de sua figura de apego. Nesse padrão, a criança consegue buscar conforto quando necessário e, ao mesmo tempo, explorar o ambiente com maior segurança. Já o apego ansioso está relacionado à incerteza quanto à disponibilidade do cuidador, podendo levar a uma busca intensa por proximidade e atenção. No apego evitativo, a criança tende a minimizar a expressão de suas necessidades emocionais, especialmente diante de experiências nas quais suas tentativas de

aproximação foram rejeitadas ou pouco respondidas (AINSWORTH, 1978, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005).

O apego desorganizado, por sua vez, apresenta comportamentos contraditórios ou desorientados diante da figura de apego. Main e Hesse (1990, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005) observaram que, nesse padrão, a criança pode demonstrar dificuldade em organizar uma estratégia consistente para lidar com situações de necessidade de proteção, especialmente em contextos de medo relacionados à própria figura de apego.

A compreensão desses padrões permite estabelecer uma relação importante com a negligência emocional. A negligência emocional caracteriza-se pela omissão dos cuidadores diante das necessidades emocionais da criança, ainda que suas necessidades básicas sejam atendidas, envolvendo, por exemplo, a falta de validação de seus sentimentos e a ausência de resposta às suas demandas emocionais (SOUZA MMS e OLIVEIRA MR, 2025). Quando essas necessidades são repetidamente ignoradas, a criança pode desenvolver expectativas de que suas emoções e necessidades não serão adequadamente reconhecidas ou atendidas, o que se articula com a construção dos modelos internos de funcionamento (DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005).

Nesse contexto, experiências de negligência contribuem para a construção de estratégias de apego inseguro. A indisponibilidade emocional dos cuidadores favorece respostas evitativas, nas quais a criança aprende a não demonstrar suas necessidades afetivas, enquanto experiências inconsistentes de cuidado relacionam-se a estratégias mais ansiosas, marcadas pela necessidade constante de confirmação e proximidade (AINSWORTH, 1978, apud DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005). Em situações de maior instabilidade ou quando diferentes experiências adversas estão presentes, também podem surgir dificuldades na organização do apego.

É importante destacar, contudo, que a negligência emocional não determina de maneira automática um único padrão de apego. Os vínculos são influenciados por diferentes fatores, incluindo as características da criança, as condições familiares e as experiências relacionais posteriores. Ainda assim, as experiências precoces de cuidado podem participar da construção dos modelos internos que orientam a forma como o indivíduo percebe a si mesmo, aos outros e às relações (DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005).

Assim, conforme os estudos revisados, os padrões de apego mostram-se um elemento importante para compreender as possíveis repercussões da negligência emocional ao longo do

desenvolvimento (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019; FERREIRA NSL, 2023; MÜLLER LE, et al., 2019). As expectativas construídas nas primeiras relações podem influenciar a maneira como o indivíduo estabelece confiança, expressa necessidades afetivas e lida com proximidade e afastamento em seus relacionamentos posteriores (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019), contribuindo para a compreensão dos vínculos afetivos na vida adulta.

3.3 Repercussões na vida adulta

Na vida adulta, uma das possíveis manifestações das experiências de negligência emocional está relacionada à dificuldade de reconhecer, comunicar e legitimar as próprias necessidades afetivas. A ausência de validação durante a infância faz com que o indivíduo aprenda a minimizar seus sentimentos e tenha dificuldade para compreender aquilo de que necessita emocionalmente. Nos relacionamentos, isso pode dificultar a comunicação, a solicitação de apoio e a expressão de insatisfação ou desconforto (FERREIRA NSL, 2023).

Outro aspecto que pode ser afetado é a regulação emocional. A falta de experiências consistentes de acolhimento pode dificultar a aprendizagem de estratégias para compreender e manejar emoções, especialmente diante de conflitos e situações de frustração. Dessa maneira, o indivíduo pode apresentar dificuldade para lidar com sentimentos intensos, conversar sobre aquilo que o incomoda ou demonstrar vulnerabilidade. Becker APS e Crepaldi MA (2019) apontam que experiências relacionais anteriores podem influenciar a forma como o indivíduo interpreta e responde às situações vivenciadas em seus relacionamentos.

A autoestima e o estabelecimento de limites também podem ser afetados. Quando as necessidades emocionais são repetidamente ignoradas, o indivíduo desenvolve uma percepção de que seus sentimentos possuem menor importância, favorecendo a busca constante por aprovação ou a dificuldade em reconhecer seu próprio valor. Nos vínculos afetivos, isso pode aparecer na dificuldade de dizer não, expressar desagrado, estabelecer limites ou identificar situações nas quais suas necessidades não estão sendo respeitadas (FERREIRA NSL, 2023; SILVA TRO, et al., 2026).

Além disso, podem surgir dificuldades relacionadas à intimidade, à confiança e ao medo de rejeição ou abandono (FERREIRA NSL, 2023). Do ponto de vista empírico, Müller LE, et al. (2019) realizaram um estudo de base populacional com 121 homens e mulheres, utilizando instrumentos padronizados: o Questionário de Trauma na Infância (CTQ), para mensurar a negligência emocional e outras formas de maus-tratos precoces; o Adult Attachment Projective

Picture System (AAP), para avaliar as representações de apego atuais; e a Escala de Ansiedade Social de Liebowitz (LSAS), para medir o medo e a evitação de situações sociais, além da dosagem de ocitocina plasmática por coleta de sangue. Por meio de um modelo de mediação sequencial, identificaram que a negligência emocional estava associada a menores níveis de ocitocina, que se relacionavam a representações de apego inseguro e, por sua vez, a um maior medo e evitação de situações sociais ($F(3,117) = 20,84$; $p < 0,001$), mesmo após o controle de outras formas de maus-tratos na infância.

Embora o medo e a evitação de situações sociais medidos por Müller LE, et al. (2019) não sejam equivalentes à dificuldade de intimidade, esse achado é coerente com as observações teóricas de Ferreira NSL (2023) e sugere que a associação entre negligência emocional e insegurança nos vínculos adultos encontra respaldo não apenas em construções teóricas, mas também em dados observacionais. Dessa forma, algumas pessoas podem buscar constantemente confirmação e proximidade afetiva, enquanto outras podem evitar maior envolvimento emocional e adotar uma postura de distanciamento como forma de proteção.

Apesar dessas possíveis repercussões, os efeitos dessas experiências podem variar conforme características individuais, contexto de desenvolvimento e relações estabelecidas posteriormente (DALBEM JX e DELL'AGLIO DD, 2005). Novas experiências de cuidado, segurança e vínculos significativos podem contribuir para a construção de formas diferentes de compreender a si mesmo e aos outros, possibilitando mudanças nos padrões relacionais desenvolvidos ao longo da vida (SILVA TRO, et al., 2026).

3.4 Reprodução intergeracional dos padrões relacionais

As experiências relacionais vivenciadas durante a infância podem ultrapassar a relação estabelecida originalmente entre a criança e seus cuidadores, influenciando posteriormente a maneira como o indivíduo estabelece e conduz outros vínculos. Nesse sentido, a literatura sobre transmissão intergeracional aponta para a possibilidade de continuidade de padrões relacionais e comportamentais entre diferentes gerações, especialmente quando determinadas formas de cuidado e interação são reproduzidas pelos indivíduos em suas próprias relações familiares (CASTRO MG, et al., 2025).

A relação entre as experiências passadas e os comportamentos apresentados no presente pode ser compreendida a partir da ideia de que os padrões relacionais vivenciados na infância são incorporados às representações do indivíduo e podem influenciar seus comportamentos em

relações posteriores. Benjamin (2003), conforme apresentado por Ferreira NSL (2023), propõe que essa continuidade pode ocorrer por meio de processos de identificação, recapitulação e introjeção. Na identificação, o indivíduo reproduz comportamentos semelhantes aos apresentados por uma figura significativa; na recapitulação, tende a repetir nas relações atuais uma dinâmica interpessoal semelhante à vivenciada anteriormente; e, na introjeção, passa a reproduzir consigo mesmo a forma como foi tratado por uma figura importante.

A possibilidade de reprodução desses padrões também pode ser observada no contexto da parentalidade. Estudos apontam que experiências relacionadas ao comportamento parental recebido durante a infância podem influenciar a maneira como os indivíduos exercem posteriormente a parentalidade, favorecendo a continuidade tanto de padrões adaptativos quanto de padrões desadaptativos entre gerações. Dessa forma, experiências de cuidado marcadas por ausência de responsividade emocional constituem referências que, quando não elaboradas ou transformadas, tendem a ser reproduzidas em relações futuras (FERREIRA NSL, 2023).

Nesse ponto, observa-se uma tensão produtiva entre os autores: enquanto Castro MG, et al. (2025) enfatizam a continuidade de padrões relacionais entre gerações, Ferreira NSL (2023) destaca, mais adiante, a possibilidade de ruptura desses padrões a partir de novas experiências relacionais. Mais do que uma contradição, essa diferença de ênfase sugere que a reprodução intergeracional não opera como regra fixa, mas como tendência sujeita a variações conforme o contexto e as experiências posteriores de cada indivíduo.

Entretanto, a transmissão intergeracional não deve ser compreendida como um processo inevitável. Pesquisas indicam que padrões relacionais vivenciados na infância podem não ser necessariamente reproduzidos ao longo da vida, sendo possível a construção de formas diferentes de relacionamento a partir de novas experiências. Nesse sentido, oportunidades vivenciadas fora do contexto familiar podem contribuir para o desenvolvimento de padrões relacionais mais saudáveis e para a descontinuidade de padrões disfuncionais anteriormente estabelecidos (FERREIRA NSL, 2023).

Essa possibilidade de transformação é especialmente relevante para a compreensão das repercussões da negligência emocional, pois permite superar uma perspectiva determinista acerca das experiências infantis. Embora a negligência emocional possa influenciar a construção dos vínculos e favorecer a repetição de determinados padrões relacionais, o indivíduo permanece sujeito a novas experiências que podem modificar suas formas de compreender a si mesmo, aos

outros e aos relacionamentos. Assim, relações caracterizadas por segurança, reciprocidade e acolhimento podem representar experiências capazes de contribuir para a construção de novos modelos relacionais (BECKER APS e CREPALDI MA, 2019).

Dessa maneira, compreender a reprodução intergeracional dos padrões relacionais permite reconhecer tanto a influência das experiências infantis quanto a possibilidade de transformação desses padrões. No caso da negligência emocional, essa perspectiva contribui para compreender como a ausência de cuidado emocional pode repercutir nos vínculos estabelecidos posteriormente, sem, contudo, determinar de maneira absoluta a trajetória afetiva do indivíduo. A possibilidade de desenvolver relações mais saudáveis demonstra a importância de considerar processos de mudança e novas experiências relacionais na compreensão das repercussões da negligência emocional ao longo da vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A negligência emocional na infância, embora costume passar despercebida justamente por sua natureza silenciosa, mostrou-se, ao longo desta revisão, um fenômeno com repercussões importantes sobre a maneira como o indivíduo constrói e sustenta seus vínculos afetivos na vida adulta. A Teoria do Apego permitiu compreender que essas repercussões não se limitam ao período infantil: as experiências vividas nos primeiros anos de vida participam da formação de modelos internos que continuam orientando, de modo muitas vezes pouco perceptível ao próprio sujeito, a forma como ele se relaciona, confia e se aproxima de outras pessoas anos mais tarde. Esse padrão aparece de diferentes maneiras ao longo do estudo, seja na dificuldade de reconhecer e comunicar necessidades afetivas, seja na regulação das próprias emoções, seja na tendência de reproduzir, sem perceber, formas de cuidado que um dia foram vividas como ausentes.

Um ponto que merece destaque nessa análise é que a literatura consultada, apesar de convergir em suas conclusões principais mesmo partindo de referenciais teóricos distintos, ainda se apoia predominantemente em produções de caráter teórico e qualitativo. Faltam, sobretudo no cenário brasileiro, estudos empíricos que tragam dados de campo sobre essa relação. Também ficou evidente, principalmente na discussão sobre a transmissão intergeracional de padrões relacionais, que não se pode tratar a negligência emocional como algo que determina de forma automática o destino afetivo de uma pessoa. Novas experiências

relacionais e vínculos construídos ao longo da vida têm o potencial real de reorganizar esses padrões, o que abre espaço para pensar a mudança, e não apenas a repetição.

Esta revisão, evidentemente, não esgota o tema. Ficam em aberto caminhos para pesquisas futuras, especialmente estudos empíricos que investiguem, com dados da própria realidade brasileira, a relação entre negligência emocional na infância e os padrões de apego formados na vida adulta. Também parece relevante que futuros trabalhos se debrucem sobre estratégias clínicas voltadas à elaboração dessas experiências, contribuindo tanto para o avanço teórico da área quanto para a prática cotidiana do psicólogo.

REFERÊNCIAS

BECKER APS, CREPALDI MA. O apego desenvolvido na infância e o relacionamento conjugal e parental: uma revisão da literatura. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2019; 19(1): 238-260.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.

CASTRO MG, et al. A influência do comportamento transgeracional na saúde mental dos membros da família. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, 2025; 11(6): 3680-3696.

DALBEM JX, DELL'AGLIO DD. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2005; 57(1): 12-24.

FERREIRA NSL. Quando o amor falta: o impacto da negligência emocional infantil na capacidade de compaixão do adulto. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

MÜLLER LE, et al. Emotional neglect in childhood shapes social dysfunctioning in adults by influencing the oxytocin and the attachment system: results from a population-based study. International Journal of Psychophysiology, 2019; 136: 73-80.

SILVA TRO, et al. Abandono afetivo infantil: um trauma silencioso e seus impactos na vida de pessoas adultas. Aposta: Revista de Ciencias Sociales, 2026; 24(114): e990.

SOUZA MMS, OLIVEIRA MR. Negligência emocional na infância e seus impactos no desenvolvimento das competências da inteligência emocional. Revista Psicologia em Foco, 2025; 15(21): 220-240.

STOLTENBORGH M, et al. The neglect of child neglect: a meta-analytic review of the prevalence of neglect. Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology, 2013; 48(3): 345-355.